

HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RS

Prof. Frei Rovílio Costa

Hilda Agnes Hübner Flores, em *História da Imigração Alemã do Rio Grande do Sul* (EST Edições, 2004), aos 180 anos de seu início oficial (25-7-1824), situa a imigração européia pioneira e agendada no contexto da História mundial, do Brasil e do Rio Grande do Sul. Permite viajar pelo RS alemão e perceber que o 1824 é um marco que divide a teuticidade em duas: a *originário-territorial*, ou da Alemanha que ficou, e a *originário-mundial*, ou da Alemanha que emigrou, das quais um dos esteios foi implantado no mundo, através da Feitoria do Linho Cânhamo.

A identidade recriada é a marca do imigrante. Quem fica e quem emigra: duas histórias que continuam e se diferenciam. Continuísmo de quem fica e criatividade de quem emigra. Utopias e sonhos diferenciados.

Duas Alemanhas começam no dia em que um filho fica e outro *emigra*. Aquele continua a teuticidade histórico-cultural-territorial, e este começa a teuticidade histórico-cultural-mundial.

O alemão do Rio Grande do Sul, por exemplo, chega com sonhos de autonomia pela posse de terras, integrando-se à nova realidade e culturas com sua maneira de trabalhar, viver e crer. Manter a tradição e acolher a inovação – eis seu grande desafio.

A ação e o pensamento enriquecem a nova realidade e dela se enriquecem. O tesouro essencial da nascente teuticidade é o próprio imigrante – seus braços, seu coração, sua mente e suas crenças.

A recriação da teuticidade na realidade sul-rio-grandense e brasileira nasce, se comunica, interage, enriquece e se enriquece nos grandes encontros com indígenas, portugueses, africanos e subseqüentes dezenas de outras etnias.

Família, trabalho e religião – trinômio sagrado do imigrante alemão.

O lazer, o esporte, a música, a arte, a escola, a igreja, o associativismo, a organização, o progresso... tomam vida e resultam desses três sólidos pilares.

Católicos e luteranos, contingentemente divididos ideológica e politicamente, se relacionam e solidarizam, a partir de necessidades práticas de pessoas, famílias e comunidades, testemunhando que é no amor onde os cristãos se reconhecem irmãos. Os frutos dessa percepção surgem, hoje, 180 anos depois, ao natural, atestando o *ser cristão* como uma marca do imigrante alemão.

A teuticidade de quem ficou na pátria territorial e de quem emigrou à pátria mundial, decorridos 180 anos, podem sentar à mesa, no Rio Grande do Sul, para partilhar os manjares de tradição, criatividade, aculturação e inculturação, enriquecendo-se mutuamente.

Por múltiplas razões somos todos, um pouco, os *alemães do Rio Grande do Sul*.